

JN
20/XI/1946

20/XI/46

Reatando...

Reatamos hoje o contacto com os nossos leitores, depois de uma visita de estudo a algumas nações amigas. Que teria nelas feito a guerra? Que transformações se teriam operado na vida dos cidadãos, nas instituições, na economia, no social?

Ao regressar da Bélgica e da França, trouxemos a alma limpa de ilusões. A miséria, a falta de alimentação, o caos económico, a desordem financeira tudo isso já passou. Mais na Bélgica do que na França, mas também na França, a vida retomou quase a normalidade.

Estavamos habituados a ouvir dizer que nesses países tudo faltava, que se passava fome, que não havia que vestir nem calçar. Os nossos olhos viram e reviram o contrário, um levantamento económico e social admiráveis, tanto num país como noutro. Sente-se a luta, a ânsia do aperfeiçoamento, o desejo de reconstruir tudo de novo.

A Bélgica palpita e progride a olhos vistos, a caminho de uma estabilidade política e económica surpreendente. A França, muito mais instável politicamente, ressurgiu no entanto sob o ponto de vista económico e moral de maneira espantosa.

Ao regressar a Portugal, ninguém queria acreditar no que dizíamos. Outros já vieram depois de nós, a confirmar as nossas impressões. Se eles sofreram muito durante a guerra, a verdade é que nós estamos sofrendo mais do que eles depois da guerra.

Donde provém tudo isto? Queremos parecer que do nosso insensato orgulho nacional. Não se trata de patriotismo, mas de cegueira. Porque descobrimos o Brasil, as ilhas do Atlântico e o caminho marítimo para a Índia, e fizemos meia dúzia de arroçados feitos que nos elevaram como raça e como nação aos olhos do mundo, ainda hoje estamos convencidos que somos o país mais progressivo da terra, a raça mais heroica do mundo, a nação mais bela de todas.

Somos um povo orgulhoso. Ora o orgulho é mau companheiro. Cega, atraiçoa.

Convencidos de que estamos melhor do que os outros, ou de que os outros estão pior do que nós, damos-nos beatificamente à contemplação das nossas maravilhas—só nossas—enquanto que os outros países, mui-

to mais realistas, trabalham, esforçam-se, lutam para se aperfeiçoar... por se não julgarem perfeitos, como nós nos julgamos. Nós somos uma raça inteligente, adaptável, capaz de fazer tanto ou mais do que os outros. Mas, porque nos julgamos perfeitos, como tantas vezes se ousa escrever, não nos queremos convencer da nossa real pobreza e atraso mental, moral e económico.

E' um erro! A humildade é criadora. Nós somos de facto capazes, tanto ou mais do que outros, de ter espírito criador, renovador, progressivo. Há poucos povos no mundo com tantas qualidades como o nosso. Mas por defeito de educação e por um falso orgulho patriótico, não nos queremos convencer das realidades.

ABEL VARZIM.